

Entrevista



Entrevista

Décio Pignatari é um dos criadores da poesia concretista brasileira na década de 50. Em 1952 fundou o Grupo Noigandres, com Augusto de Campos e Haroldo de Campos, que publicou cinco antologias poéticas. Nas décadas seguintes, traduziu várias obras em francês, inglês e russo. Foi um dos criadores da editora e da revista *Invenção*, lançada em 1962 como veículo da Poesia Concreta. Foi membro-fundador da Associação Inter-

nacional de Semiótica, em Paris (França), em 1969. Nas décadas de 1980 e 1990 colaborou em vários periódicos, entre os quais a *Folha de S. Paulo*, e foi professor de Semiótica e Comunicação da FAU/USP. Publicou vários livros de ensaios, entre eles *Cultura Pós-Nacionalista* (1998). Sua obra poética inclui os livros *Carrossel*, *Exercício Findo*, *Poesia pois é Poesia*, 1950/1975 e *Poete*, 1976/1986. Na área da Linguagem publicou *Informação*, *Linguagem e Comunicação*, *Semiótica e Literatura*, *Pobre Brasil!*, *Letras*, *Artes*, *Mídia e Errâncias*, entre outros.

Conversa com Décio Pignatari

A idéia de realizar uma entrevista na revista do Curso de Comunicação da UniBrasil apareceu no primeiro debate do conselho editorial. Era preciso torná-la mais leve e atraente, sem o monotonismo e a sisudez de algumas publicações acadêmicas.

Para o primeiro número foi escolhido o professor Décio Pignatari, que está morando há algum tempo em Curitiba e é um dos principais pensadores da linguagem e da comunicação em atividade no país. Interessava saber o que pensava um dos precursores dos estudos semiológicos no Brasil.

Em junho de 2003 os professores João Augusto Moliani¹ (Redação), Cleusa Gomes (História), Graciela Presas Areu (Teoria da Comunicação) e Hugo Abati (Fotografia) convidaram Pignatari para um almoço. A conversa começou pela bebida e a informação de que ele prefere os vinhos franceses, em especial os bordeaux, fruto de sua passagem pela Europa entre 1954 e 1956. Mas, fora de lá aprecia a vinícola chilena.

Como entrada foi servida uma salada leve sobre a formação do entrevistado, um homem, que se formou advogado e acabou poeta, publicitário e doutor em Comunicação pela PUC de São Paulo e suas relações com grandes nomes da literatura nacional e internacional.. Passou-se então para a discussão do campo da pesquisa em comunicação e linguagem e a necessária interação com outras áreas, que fez as vezes de prato principal. A sobremesa foi feita da reafirmação da liberdade como cerne da criação e dos novos projetos de Pignatari.

Foram quase três horas de uma agradável conversa em um dia de inverno que servimos agora aos leitores.



Hugo Abati

Como um bacharel em direito se transforma em um dos maiores pensadores da área da linguagem. Não é conflitante a formação do advogado, que distende o uso da linguagem, para a sua, que busca o sumo da palavra?

Eu tive sorte de ter um bom curso secundário no Mackenzie, onde eu fiz o ginásio e o científico. Isso era uma coisa muito rara. As escolas públicas eram sinistras. Por exemplo, ninguém fazia ginástica. No Mackenzie era uma maravilha, as meninas de pernas de fora fazendo ginástica. Era saudável. Além do mais tinha uma biblioteca maravilhosa, que era onde eu passava todo o tempo. A escola pública era escura, horrível. Naquela época o meu negócio era direito. Eu era poeta romântico. Entrei, me desencantei.

Naquele tempo os artistas não tinham lugar para ir, o universo de formação acadêmica era absolutamente limitado. Mas, além disso também havia o sonho romântico. Eu era adolescente e nas arcadas do largo de São Francisco haviam passado os meus gurus. Homens como Castro Alves, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela. Então, curiosamente eu e os irmãos Campos¹ fomos para Direito. Eu logo percebi que não era aquilo. Um dos meus colegas, o Dante Moreira Leite, logo saiu dali e fez novo vestibular para filosofia. Eu disse que não adiantava, a filosofia vai formar críticos, e não criadores. Por incrível que pareça os escritores vêm da área de medicina, de direito, de jornalismo.

Eu fiz um acordo com meu pai. Como ele dava um terreno em Osasco e construía uma casinha para todo filho que casava, eu pedi a minha parte em dinheiro. Eu queria ir embora, queria viajar, queria embora daqui. De

Osasco, de São Paulo, do Brasil. Foi pós-ditadura de Vargas, ele tinha voltado ao poder. As perspectivas eram péssimas. O meu pai disse: ‘Então você tira o diploma. Se você tiver o diploma, viaja.’

Então eu larguei dois anos, fui fazer arte. Deixei de ser romântico e me tornei moderno. Só que precisava do dinheiro para poder viajar. Então voltei e, meu Deus, o quanto estudei no quinto ano. Eu estudei tanto. Enfim consegui terminar o curso e peguei o meu diploma. Apanhei a minha companheira e fui embora. Os Campos seguiram a área do Direito, foi bom para eles. Para mim não servia.

Eu fiquei dois anos na Europa. Depois desse tempo eu queria voltar, mas precisava trabalhar. Minha mulher já tinha voltado antes. Eu estava voltando sem emprego e com família. Passei em Sevilha e tive uma temporada com o João Cabral de Melo Neto, com quem tinha em comum a poesia e a paixão por “los toros”. Ele me disse: ‘Olha, pelo que você diz dessa poesia nova que está desenvolvendo, você se daria bem em publicidade’.

Não deu outra. Eu voltei com idéias novas, e dividindo a casa dos meus pais, e fui trabalhar com publicidade numa multinacional: a Grampt². Depois trabalhei na Thompson, na PanAm. Eu fui publicitário profissional durante 15 anos.

Mas você também foi jornalista...

Sim eu comecei, inclusive, como jornalista. Fui cronista esportivo, o Cláudio Abramo que me chamou. Mas sempre estive muito ligado ao jornal como colaborador. Nunca fui um jornalista profissional, no sentido estrito da

palavra. Fui colaborador em muitos jornais, em São Paulo, Rio, Porto Alegre e outros lugares.

Hoje se discute muito a formação do jornalista. Questionando até a necessidade de um diploma específico para essa formação.

Necessário o diploma não é, mas hoje convém. Por que olha, exceto as grandes exceções, você reconhece logo a cabeça de quem não tem curso superior. Mesmo no Brasil. Você percebe as lacunas culturais. Não basta o diploma para você ser um bom jornalista, mas se você for um bom jornalista com diploma, você vai ser top.

O estudo, enfim é muito importante, em todas as áreas. Uma pessoa que pretenda estudar música, oboé, por exemplo, tem que se dedicar muito para se tornar uma boa oboeista. Pelo menos oito anos. Já os escritores ou artistas ou poetas acham que não tem que estudar não. É que nem gente de comunicação que acha que não tem que estudar nada. Tem que estudar sim! Você tem que entender o que é informação, não apenas o blábláblá. Entender que fenômeno é esse. Qual a linguagem adequada para cada canal, etc.

O especialista antigamente era o cara que mais se especializava em um campo estreito. Sabendo cada vez mais sobre cada vez menos. Hoje o especialista é aquele que mais conhece outros campos além do seu, porque a sua solução está em outro lugar muitas vezes. É a intersemioticidade.

Mas, parece haver uma orientação, a partir de Brasília, para limitar os campos de pesquisa em comunicação.

A orientação atual criou uma polêmica. Eles começaram a lidar com o problema da comunicação post festum, isto é, depois que ela aconteceu. As primeiras traduções de textos de comunicação de McLuhan (Michael) e Eco (Umberto) começaram na década de 60. Eu mesmo passei a formar, com Eco, Roland Barthes, Jakobson e outros a Associação Internacional de Semiótica, em 1969. Aí foi que começou o debate da comunicação no Brasil. A primeira disciplina da área, chamada Teoria da Informação, foi criada no Rio de Janeiro, em uma escola nova, a ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial). Desse curso surgiu meu primeiro livro “Informação, Linguagem e Comunicação”, hoje na 25ª

Hugo Abati



“A minha preferência é pelos vinhos franceses, não os de alto nível, que eu não conheço. Mas são os vinhos bordeaux. Quando estou fora da Europa eu prefiro os vinhos chilenos.”

edição.

Nos anos 70 surgiram os primeiros cursos de pós-graduação. Como não havia massa crítica, os professores catedráticos que aceitavam alunos formados como orientandos já seriam doutores. Eu fui orientando do Antonio Cândido, junto com Aroldo de Campos, e me doutorei em 1973. A partir dos anos 70 surgiram os primeiros professores na área e depois os primeiros cursos de pós-graduação. Em 1974/75 foi organizado o curso de Teoria Literária pela Lucrécia Ferrara, que tratava de comunicação e semiótica³, foi o primeiro de pós-graduação na iniciativa privada.

Gente de outras áreas passou a ir para a área de comunicação. Literatura, cinema, arte, etc. Isso alarmou o MEC. Pois eles querem restringir o campo comunicacional. Bom, só essa história de se restringir o campo de estudos já mostra que somos um país emergente. Imagine no Canadá, Inglaterra, Estados Unidos ou Japão o governo dizer para a universidade o que é comunicação. Seria ridículo. É a universidade que deve dizer o que é comunicação.

Segundo, reconhecendo realisticamente que nós somos subdesenvolvidos no campo universitário, admito uma orientação, um monitoramento do MEC para os cursos novos, que são cursos de fronteira, nos quais não se tem massa crítica de professores e se improvisa muito. Mas é um absurdo que isso também aconteça com os pioneiros, que ensinaram àqueles que estão no MEC hoje o que é comunicação.

Chegou-se ao absurdo de tentar impedir que tenha semiótica no curso de comunicação. Além de mim várias pessoas protesta-

ram, como o Muniz Sodré, no Rio, e o Arlindo Machado, em São Paulo. Derruba-se a autonomia universitária, inclusive. Mas o problema maior está nas avaliações, que são altas para os que seguem direitinho o que eles querem e baixas para os rebeldes. Além do corte de bolsas, etc. Especialmente para as particulares.

O MEC está indo na direção errada. Ao privilegiar a pessoa que faz a graduação, o mestrado e o doutorado na mesma área limita profundamente a possibilidade de abrir espaços novos.

Em 1968 você criticava a proliferação dos cursos de comunicação dizendo que “na maioria não passam de uma mistura degradante de psicologismos, métodos audiovisuais e relações públicas”. Se isso tornou-se realidade, não foi o motivador d a ação do MEC?

Não. Isso foi meu temor na época. De um lado eu temia que o universo verbal, de literatura, tomasse conta da comunicação e de outro lado a turma de psicologia e sociologia, que também viriam com esse tipo de abordagem. Por isso eu publiquei o meu livro, para mostrar que é necessário estudar o fenômeno da comunicação antes de mais nada.

A comunicação para mim é formada por um tripé: teoria da informação, semiótica/semiologia e mídia. Agora, nada impede que você aborde isso a partir de outro universo, o que eu chamo de abordagens heteronômicas – sociológica, psicológica, histórica, econômica, etc – desde que se entenda o processo da comunicação e o problema das linguagens, pois não existe comu-

UNI-BRASIL
nicação sem linguagem. Felizmente não ocorreu o que eu temia. O universo verbal não avançou para o lado da comunicação a não ser como um aporte lateral.

Agora o problema é outro. É o perigo do dirigismo, um dirigismo grave. Está havendo uma pressão muito grande, quando na verdade isso é um erro. São as universidades, os cursos, que devem oferecer a visão que eles querem para que as pessoas escolham.

Mas o aluno não tem consciência, ou tem pouca consciência das diferentes linhas. Como ele faz?

Não é bem assim. Hoje existem obras públicas em todos os campos do saber. Se ele está interessado em arte e comunicação ele vai se informar minimamente. Hoje com a Net é tudo mais fácil. Qual é o programa de pós-graduação da Federal, da UniBrasil, da Tuiuti? Os interessados lêem o programa e vêem qual é a linha.

O problema é de ignorância. Os nossos padrões de segundo e terceiro graus são muito baixos. Todos os anos os jornais noticiam as mesmas histórias: das provas ridículas dos vestibulares. Como se de resto, afinal a ignorância jornalística também é enorme, ortografia fosse gramática. Mas a verdade é, por outro lado, os jovens chegam ao portal da universidade sem saber ler, escrever ou calcular adequadamente. E não sabem outras coisas. Se vc perguntar o que é parlamentarismo, eles não sabem. Qual a diferença entre o regime dos EUA e do Brasil com relação à França eles não sabem...

Mas você já falava disso em 1968. Houve algu-

ma mudança daquela época para cá?

Houve muitas mudanças. É preciso criticar sempre essa área que está sempre mal. Não tem sentido que um adolescente depois de 11 anos de escola chegue ao vestibular sem saber ler e escrever decentemente. É culpa dos jovens? Eles são imbecis, por acaso? Não. A culpa é dos sistemas e processos de ensino, do baixo nível dos professores e da sua má remuneração.

Falta investimento em capacitação dos professores, em novos sistemas de ensino, que eu chamo de software. Os governantes pensam apenas no hardware, na construção da escola, não em sua função ou viabilidade. Por isso o nível é baixo. Por outro lado, nós melhoramos muito. A quantidade acabou gerando a qualidade, porque o ensino superior no Brasil só tem pouco mais de meio século. Tem 80 anos como universidade mesmo.

Nos melhores cursos, se você apanhar dissertações de mestrado, de bons alunos, eles dão de cinco a zero em todas as teses de catedráticos até os anos 70. Hoje quase qualquer aluno de mestrado é superior a todos os catedráticos que existiam antes dos anos 50. Mas, pouco a pouco, o MEC quer acabar com o mestrado, fazendo doutorado diretamente, seguindo o mundo americano, onde o que importa é o PhD.

Eu acredito que se deva manter o mestrado, porque o problema não é de título, é da pesquisa. O acadêmico tem que aprender a pesquisar e o mestrado é o primeiro trabalho importante de pesquisa para ele. Professor tem que ser pesquisador. Cursos novos devem manter o mestrado. Deixar apenas o



“Também não sou um bom garfo. Eu só não como três coisas: dobradinha, jiló e quiabo. Mas sou metido a cozinhar certas coisas. Faço bem um bom feijão preto, um molho a milanesa ou ao sugo, algumas carnes e outras coisas mais simples. Aprendi com Alfredo Volpi e com sua companheira, Judith, a fazer sopa de agrião.”

doutorado só se for em cursos que já tem determinado nível, que tenha base. O problema é que os burocratas querem essa transformação por decreto.

Há uma subserviência exagerada às políticas públicas de ensino ditadas pelo MEC?

É um engano pensar que eles vão deixar a área da educação sem influência política. O problema é que o Brasil tem norma para tudo. Mas as questões ideológicas existem em todo o mundo. Se algum pesquisador de renome escrever que Deus não existe, por exemplo, em muitas universidades como Oxford ou Yale ele não será contratado. Então, por isso não se fala nesse assunto nessas universidades. Quando eles precisam de um grande professor que seja ateu é dito para ele não falar sobre isso e só então o contratam.

O que é preciso fazer, então?

É necessário atacar os dirigentes que mantém o povo ignorante. O Brasil insiste em manter o povo na ignorância. Mas há avanços, como o número de estudantes uni-

versitários. Fruto do fortalecimento da classe média. E há outras áreas que precisam avançar. Até o Lula falou algo que eu já dizia, sobre a atualização os sindicatos. O nível do capitalismo é outro e precisamos de investimento em pesquisa.

Na área científica, por exemplo, o cara que falou que era preciso dar força para a matemática e a física foi xingado. Mas ele estava certo. Matemática é a ciência das ciências. Na área da biologia o Brasil está indo bem. Mas é preciso investir colossalmente na área das ciências, em pesquisa e tecnologia. Pesquisa é tudo!

Você acredita que essa postura passa pela questão ideológica?

Tudo é ideologia. Eu fiz um pequeno artigo que trata de interpretante, ideologia e poder. Estudar o interpretante, que muita gente pensa que é uma pessoa. Não é uma pessoa. A religião pode ser um interpretante. Ela comanda as suas ações. Nós temos valores morais cristãos que comandam o nosso comportamento. E eles conferem os macro significa-

dos. Por outro lado há uma luta pela chamada verdade com a ciência ou a arte.

O fim das ideologias não existe. O que existe é o fim das ideologias como nós as entendíamos até agora. É impossível eliminá-las. O que é preciso é introduzir cada vez mais um teor de liberdade. Precisamos de uma ideologia variável, elástica, cuja perspectiva básica é a abertura. Se ela tiver forças, se alimentará da abertura e não do fechamento. Uma ideologia que se enriquece no contato, na mediação, no debate.

A grande coisa é a liberdade. É onde nasce a criação e você supera as ideologias. Ultimamente eu estou muito interessado em Heidegger. Primeiro eu li a grande biografia do Safranski⁴. Agora estou buscando “O caminho do bosque”, que aqui chamam de “O caminho do campo”. Ele pensa a linguagem. O título que o tornou famoso em alemão - “O ser e o tempo” - é poesia. Ele sabia do que estava falando. É uma paranomásia.

Mas o curioso é que o discurso que ele faz é que o nada é a natureza do próprio ser, é o berço da liberdade. A liberdade está ligada a

esse próprio processo de você eventualmente imaginar um nada. Isso é fascinante. E, por isso, deveriam obrigar todo mundo da nova ideologia a ler o poema *Liberte*⁵ do Eliard, que é lindo. Ele foi jogado pelos aviões da RAF na França ocupada pelos nazistas. E trata do amor à liberdade.

Você falou que a quantidade acabou gerando a qualidade. Isso se deve às novas tecnologias?

O que acontece com a net, por exemplo, é que ela é uma multiplicação de todos os meios em um momento em que a quantidade gera a qualidade. O que está mudando é a escala de pessoas que estão entrando nesse universo. Se antes havia um artista para 100 habitantes, hoje tem 10 artistas para 100 habitantes. Mudou a escala. Aí está a importância da net.

Há um mundo anônimo querendo se manifestar através da mídia. Mas hoje há níveis para todo o tipo de artistas, no rádio, no jornal, na televisão e começam a surgir coisas novas. Outro dia eu fotografei um grafite espantoso em um muro do bosque do Papa. Era uma perfeição, de um domínio técnico espan-



Hugo Abati

“Eu me coloco como um estranho. Eu gosto da posição dos grandes físicos quando estão em reunião. Eles têm que colocar tudo no quadro negro. O computador serve para muita coisa, mas não para aquela discussão. Todos aqueles símbolos no quadro negro para eles são icônicos. O grande problema que ninguém entende, nem na psicologia nem em nada, que é o problema icônico. Hoje eu sou jurássico. Eu não escrevo nem à máquina, eu escrevo à mão, com caneta tinteiro. Acho uma maravilha.”

tosos. Nada a ver com essas gangues de pichadores que emporcalham as cidades.

A mídia interliga a linguagem, ao signo, à arte aos grupos e massas, mesmo os excluídos, essa turma dos novos coletivos que estão surgindo. Vejamos a exposição de Rodin ou os Guerreiros de Xi'an⁶, em que mais de meio milhão de pessoas foi visitar. O que acontece é que o universo da arte, do que se chama arte hoje, está sofrendo mais uma mutação. Hoje está sob a égide do consumo. É ele que comanda o processo artístico.

O Paulo Coelho na Academia Brasileira de Letras seria resultado dessa nova visão da arte?

O Paulo Coelho e a Academia se merecem. Mas ele é um fenômeno mundial. Um autor que não precisa de feira de livros para vender livros. Mas literariamente não representa nada. É o mesmo caso daquele médium, o Chico Xavier, que também vendia milhões mas não tem nada a ver com literatura. Esse repertório é da classe média baixa, que busca as grandes verdades fora do cristianismo.

Em um artigo recente o senhor levanta alguns nomes, inclusive um rapaz de Paranavaí⁷, e, ao contrário do que se imagina e mesmo com todo esse pessimismo com relação às letras no Brasil, consegue perceber traços de inventividade na poesia contemporânea...

Os poetas têm uma sofisticação. Eles conhecem tão bem outras áreas, coisas que os romancistas não conhecem. E isso é de tradição no Brasil e no mundo. Todos os poetas estão abertos a outros signos, a outras artes. A prosa brasileira é do terceiro nível, não no sen-

tido depreciativo. Eu não gosto de usar pejorativamente terceira categoria, quarta categoria. Gosto de usar primeiro nível, segundo nível, como acontece no futebol ou no carnaval. Você pode ser excelente na sua faixa. Por isso eu divido em níveis.

Na prosa brasileira, esquerdofrênicos ou nacionalistas sempre combateram a experimentação. O único que foi grande porque experimentou foi João Guimarães Rosa. Os outros foram contra. A prosa latinoamericana fez uma revolução por causa disso. Todo o mundo hispânico tem formação surrealista. Eles começaram a ler James Joyce e descobriram a experimentação da linguagem e daí surgiu o grande boom latino americano. Se você pegar desde Lessama Lima⁸, Carpentier, Cabreira Infante, Otávio Paz todos eles abriram seu universo. Encontrei Otávio Paz em Paris encantado com essas coisas novas da semiologia e do estruturalismo. Felicidade dele de, já famoso, se encantar com o que é novo. E os brasileiros ficavam a reboque dos latino-americanos.

Já a poesia brasileira está atualizada. Pode-se ver que os poetas são influenciados pelos *language poetics* americanos. Quando um poeta está falando de Paul Klee, ele sabe quem é Paul Klee, os prosadores só sabem falar do que já é aceito. Portanto, sou obrigado a discordar de você. Os poetas não estão fazendo uma coisa nova, mas eles chegaram a um alto nível de sofisticação, até internacional, e se ligam ao mundo realmente.

Mas não há inovação?

O período não é de inovação. Há mo-

mentos em que é possível fazer boas obras dentro de um patamar já conquistado. As inovações são localizadas. Está havendo um número muito grande de escritores, poetas, artistas visuais mulheres. Nem na França, nem nos Estados Unidos há tanta mulher com alto padrão como no Brasil.

Como consequência direta as artes visuais estão no primeiro nível. Eles se informam do que está acontecendo em todo o mundo, graças às bienais, aos museus e as artes visuais no Brasil tem o nível mais elevado de todas as artes. A música brasileira, a música erudita, a de alto repertório é a que mais sofre. É uma miséria neste país, é uma desgraça. Com tudo que o Gil tem uma ótima intenção, desde que não fique só incentivando o folclore.

E você está produzindo poesia neste momento?

A minha preocupação agora é a prosa. Eu tenho um romance aqui na garganta e preciso fazer esse romance. Além disso devo publicar uma conferência que fiz na PUC/SP sobre teoria da prosa. Uma aluna gravou e que mandou as fitas para mim e talvez eu publique aqui, pela editora do Campana (Fábio)⁹. Tem também uma peça de teatro que eu passei o último verão escrevendo. É sobre Machado e Carolina. Uma ficção sobre o relacionamento de uma portuguesa branca que se casou com um brasileiro negro. Eles foram precursores de um conflito que no século 20 ganhou força.

Tenho um projeto para a Fundação Cultural para produzir a edição crítica e comentada do Catatau¹⁰, além de outros projetos como cadernos de cultura, baratos e econômicos. O

Leminski existe porque ele foi atrás da informação. Quando ele abriu mão da informação ele piorou. O melhor Leminski não é o que as pessoas conhecem, o grande Leminski é o do Catatau, que ninguém lê porque ninguém entende. Ele levou oito anos para escrever e depois disse chega, passou a fazer poeminhas – teve a bebida e tudo - e ficou famoso.

Lembro do Leminski de 1963, quando houve uma grande exposição de poesia visual em Minas Gerais, com expositores de todo o país. De repente apareceu lá esse caboclo achinesado, com 17 para 18 anos, e estava atrás da informação. Não foi ver ninguém declamando nem nada. Logo depois eu publicaria uma revista e lancei o Leminski na *Invenção*. Mas Borges (Jorge Luís) já dizia que a fama é a pior das incompreensões. Você fica famoso pelo que tem de pior. A teoria da informação mostra isso, pois um repertório mais baixo atinge um público maior. À medida que sobe a informação estrutural se reduz o auditório, isso é normal. ■

Notas